



Esta obra possui uma Licença

Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/18035>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v19i32.18035>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | v. 19 | n. 31 | Jan-Jun, 2025

Submissão: 20/03/2025 | Aprovação: 20/06/2025



## ARTE, PATRIMÔNIO, ACONTECIMENTO: FORMAÇÃO E INCIDÊNCIA DOS TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIA EM FEIRA DE SANTANA BAHIA

*ART, HERITAGE, AND EVENT: THE FORMATION AND IMPACT OF TERRITORIES OF RESISTANCE IN FEIRA DE SANTANA, BAHIA*

Cristiano Silva Cardoso  

Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana<sup>1</sup>

**Resumo:** O patrimônio, aqui é abordado enquanto categoria de análise, alinhando informação, percepção e aprendizagem em Feira de Santana BA, tendo por ensejo, os rebatimentos da “Arte Como Território de Resistência: uma perspectiva polilógica” texto em que Dante Galeffi (2017) traça um vigoroso painel reflexivo sobre a materialização nas práticas artísticas, com meandros de subversiva potência no território. Assim a abordagem qualitativa traça um breve panorama sobre efêmeras iniciativas que ocuparam o espaço urbano feirense, conduzidas pelos artistas Maristela Ribeiro e Luciano dos Anjos. Busca-se visualizar nestas dinâmicas, além do caráter de aprendizagem e difusão artística, reflexões sobre a emergência de informações e referenciais periféricos que ampliam repertórios socioeducativos, no que tange a pauta do patrimônio, em seus acontecimentos, expressões contemporâneas e locais.

**Palavras-chave:** Patrimônio; Feira de Santana; Territórios de Resistência; Maristela Ribeiro.

**Abstract** *Abordar el patrimonio como categoría de análisis, alineando información, percepción y aprendizaje patrimonial en Feira de Santana BA, tomando como oportunidad el texto El arte como territorio de resistencia: una perspectiva polilógica, de Dante Galeffi (2017); Es con esa intención que se materializa este panel reflexivo, para vislumbrar en la práctica artística, entresijos subversivos de poder destacado en el territorio. Así, el enfoque cualitativo ofrece un breve panorama de las iniciativas efímeras que ocuparon el espacio urbano de Feira, lideradas por los artistas Maristela Ribeiro y Luciano dos Anjos. Buscamos visualizar en estas dinámicas, además del carácter multirreferencial del aprendizaje y la difusión artística, una reflexión sobre el surgimiento de informaciones y referentes periféricos que, en cierta manera, amplían los repertorios socioeducativos, en torno al patrimonio, eventos, expresiones contemporáneas y locales.*

**Keywords:** *Heritage; Feira de Santana; Territories of Resistance; Maristela Ribeiro.*

<sup>1</sup> Bacharel em Museologia UFBA (2005); Pós-Graduado em Dinâmica Territorial e Socioambiental do Espaço Baiano UEFS (2013); Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação - GESTEC UNEB (2017); Doutorando em Difusão do Conhecimento UFBA; Analista Universitário UEFS; Diretor do Museu Regional de Arte MRA-CUCA/UEFS (2013-2019); Diretor do Museu Casa do Sertão e Centro de Estudos Feirenses UEFS; Coordenador Interino da Galeria de Arte Carlo Barbosa CUCA/UEFS (2012-2015); Responsável Técnico pelo Projeto de Restauração do Acervo do Museu Regional de Arte UEFS. e-mail: [ccardoso@uefs.br](mailto:ccardoso@uefs.br)

## INTRODUÇÃO

Propõe-se aqui, um trânsito pelo patrimônio enquanto categoria de análise, alinhando informação, percepção e aprendizagem patrimonial. Realizado em Feira de Santana BA, município que ocupa a região localizada na transição entre zona da mata e o sertão baiano, e compõe o grupo das microrregiões pastoris do Território de Identidade Portal do Sertão<sup>2</sup>. Segundo a Secretaria de Planejamento do Estado (SEPLAN), esta é uma divisão territorial voltada ao planejamento e condução de políticas públicas, em que se agrupam os 417 municípios do estado, em 27 Territórios de Identidade, vinculando-os a temáticas de identificação e prioridades locais para a descentralização de ações (SEI, 2016).

Feira de Santana se destaca no mosaico que compõe o território 19 – Portal do Sertão, tanto pela dinamicidade e papel estratégico que desenvolve para o Estado da Bahia (de sua gênese, como entreposto comercial, a principal influência na recém instituída Região Metropolitana); quanto por congregar riquezas e diversidades, advindas do encontro de pessoas e histórias, que retroalimentam imaginários entorno “do ser e do viver nordestino”.

292

Tais aspectos moldam um peculiar cotidiano, de feições híbridas e oscilantes entre o rural e o urbano, mas que, assim como as demais cidades brasileiras, se firma, numa estrutura econômica e social desigual, fazendo com que indivíduos e grupos, constantemente exercitem vivências de pertencimento e exclusão.

Neste sentido, a cena cultural feirense é composta, não só por expressões artísticas de notoriedade, equipamentos públicos como centros culturais, museus, galerias, teatros, espaços abertos e pessoal especializado. Ela se faz também, em meio a iniciativas individuais e comunitárias, ocorridas nos espaços periféricos e centrais, e que se voltam a atender as crescentes demandas sociais por “direito à cidade”, seja nos campos do lazer, entretenimento, formação cultural e/ou posicionamento reflexivo e transformador, conforme veremos.

Trata-se de um complexo ecossistema permeado por ações de comunicação (em especial as de valorização da memória) que se dão, em circuitos variados e são responsáveis por vincular, públicos e gerações, a temas como referenciais identitários, violência, ocupação e renda, numa

---

<sup>2</sup> Em relação ao território de identidade 19-Portal do Sertão, Feira de Santana faz parte, juntamente com mais quinze municípios, a saber: Água Fria, Amélia Rodrigues, Anguera, Antonio Cardoso, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, Coração de Maria, Ipecaetá, Irará, Santa Bárbara, Santo Estevão, São Gonçalo dos Campos, Tanquinho, Teodoro Sampaio e Terra Nova.

diversidade de pautas, acervos e dinâmicas expositivas, que carecem no âmbito acadêmico, de análises e aprofundamentos.

A busca em fontes documentais, contextualização de autores, linhas interpretativas e levantamentos de campo, sobre a organização e operacionalização de imagens e discursos patrimoniais, traça uma abordagem metodológica qualitativa, em que se delineia um panorama reflexivo sobre iniciativas, que ocupam o espaço urbano feirense e são conduzidas pelos artistas, Maristela Ribeiro e Luciano dos Anjos. As questões que moveram tal processo e seu rigor procedimental, possibilitou angariar eventuais descobertas, situando historicamente o campo patrimonial em Feira de Santana, ao ressaltar: aspectos, que lhe dão forma e entendimento; imagens e a condição de representatividade; e a emergência de novas cenografias, conforme proposto.

## DESENVOLVIMENTO

O ponto de partida é a profusão de imagens-textos que desagregadas, ocupam o campo de visão do ambiente urbano e como estes, projetam nas simetrias e segmentações (das mais simples às mais complexas) a busca pelo controle eficaz, entre os binarismos, hierarquizações, academicismos e na homogeneização crescente; bem como, pela própria vida em suas múltiplas variáveis, especialmente no decurso de expedientes de resistências, que os contradiz. A arte conforma-se como um dos mais sublimes e minados territórios<sup>0</sup> qual, expressa-se tal resistência (Galeffi 2017), amparando um vasto repertório de conotação e reverberações históricas, geográficas e culturais, no âmago de identidades inter-relacionais.

No aparato reflexivo de Dante Galeffi é recorrente o uso do sentido de “polifonias” para valer-se de exercícios metafóricos, e porque não dizer, sinestésicos, do contraponto de múltiplas vozes, a convenções e modelos universais, sobretudo, nos aspectos atinentes a natureza da criatividade e do aprendizado, que enquanto transformatividade, interioriza a imitação; a apreende enquanto conhecimento; e incorpora, os desdobramentos neuropsíquicos e somatórios. O ato criador é delineado como algo replicante, produtor, inventor, aprendiz e desejante, próprio e apropriado de “ser além do que se está sendo” a condição de inacabado em essência. Tal inspiração e expiração se faz presente em todo sistema vivo, toda matéria-energia do universo e em seus fluxos conduzidos (Galeffi; Macedo; Barbosa, 2014, p.15).

Ao ensinar o texto “A Arte Como Território de Resistência: uma perspectiva polilógica” Galeffi (2017) traça um vigoroso painel reflexivo de tessituras legíveis, com vistas a alçar campos de

leituras sensíveis e singulares que oportunizam ao seu leitor, de maneira própria e apropriada, vislumbrar na prática artística, meandros subversivos de destacada potência no território. Outrossim, circunstancia livremente a possibilidade de se elencar pistas a respeito de mapas subjetivos, localizáveis num atravessamento de lógicas e emergência de modulações estéticas alternativas, aqui, deliberadamente correlacionadas ao universo patrimonial em Feira de Santana Bahia e a possibilidade de diálogo entre espaços formais e não formais de educação e a formação transformadora de sujeitos sócio-históricos, calcada na ética, respeito à dignidade e autonomia.

O cultivo de indagações a respeito de subjetividades entorno do patrimônio cultural na contemporaneidade envolve o trânsito entre diferentes regimes semióticos em suas múltiplas esferas e circunstâncias, seja como ferramenta: hegemônica de interesse de grupos específicos; de silenciamento; e ou de combate a invisibilidade de traços considerados pitorescos, envelhecidos e que a poucos apetece, por exemplo. Há seguramente aproximações, distanciamentos, pressupostos teóricos e de aplicabilidade na realidade local que desvelam uma interessante multiplicidade de conteúdos e de conhecimentos envolvidos em suas construções.

**294** A arte vista, mais como processo do que produto, oportuniza nos territórios, pautar resistências por meio do agir e imaginar criativo, conectando cartografias polilógicas em meio a ressonâncias afetivas. Para Galeffi a “ilustração” da racionalidade instrumental de controle de nossa atualidade societal (e sua incessante convergência de esforços para realizar nos territórios, material e simbolicamente, os desígnios do capital) metaforicamente, pode ser evocada da Mitologia Grega na figura de Midas, o rei que tudo que toca se torna ouro. O caráter simbólico da analogia traçada, compatibiliza-se com o afã de “tudo controlar” o que domina, das estruturas produtivas de bens e serviços, a produção, armazenamento e distribuição de conteúdo (signos e sintaxes) fundamentalistas, por meio de dispositivos de replicação programada que manipulam tendências comportamentais. Neste arcabouço, traduzem-se números e funções matemáticas algorítmicas em ferramentas hegemônicas de violência física e psicológica às massas (Galeffi, 2017).

Ao tratar das Fronteiras e Singularidades de Resistência, Viana (2013, p.3) traça uma análise crítica a partir de imagens fotográficas e subjetividades, problematizando na metrópole contemporânea a força de regimes semióticos de extorsão que regulam diversificados aparelhos de captura e dominação do Estado. Tudo em nome de uma modelização global icônica que sujeite indivíduos e territórios, no percurso de operações externas de uma geografia da dominação pelo capital (David Harvey *apud* Viana, 2013 p. 2). Nesta mesma arena, entretanto, inflexões se margeiam, pontuando resistências fronteiriças, tensões e agenciamentos coletivos, em favor da condição humana

de direitos (Viana, 2013 p. 3). Há inúmeras formas para estes acontecimentos, Galeffi (2017) aponta a arte como um dos mais vigorosos destes componentes de radicalidade, justamente por contar com o imprevisível. O escape oferecido pela arte é vital e também criador de atos insurgentes nos espaços de poder.

Logicamente o universo artístico também é capturado pelos axiomas de Estado. A chamada indústria cultural se ocupa em grande monta da eficaz produção, veiculação e controle de signos estéticos replicáveis e de fluida notoriedade contextual. Não obstante, as diferenciações entre o genuíno ato criador, tratado por Galeffi como expressão devoradora ativa, imanente e transcendente de sintaxes da inquietude; moldam-se como antíteses a repetição que sopra constante nas paisagens dos (in) satisfeitos com o sistema, não localizável, portanto, como traço do paroxismo que preenche discursos vazios. O habitat natural desta arte é à margem dos processos de consumo dominante e vias de regras, torna-se incompreendida no seu acontecimento instantâneo.

Além de desvelar-se quase plenamente no anonimato e nomadismo de fluxos e ações poéticas, ocorre na mesma metrópole, a pouco caracterizada por Viana, das vias de convergência metrificada e nas representações globalizantes. Escapes cujas respostas, pouco importam, nela o que conta é a produção do pensamento difuso à imposição identitária de encaixe de percursos individuais e coletivos no sistema mundo. Para além do heurístico, o ativismo singular colocado em questão - trata da potência de vida e do profanar das identidades fixas, reterritorializadas enquanto resistência, conforme visto adiante.

295

## **UM IMAGINÁRIO MUSEU NAS VIELAS FEIRENSES: AS PINCELADAS DE LUCIANO DOS ANJOS**

O trabalho artístico de Luciano dos Anjos, um feirense nascido e criado no bairro Jardim Acácia toma corpo a partir das escritas do que ele chama de literatura de travas “um alinhar de palavras que retiram sagazmente do conforto, incautos corações” e que já foram publicados em coletâneas editoriais. Há uma década que as frases curtas e o teor ácido foram transportadas dos livros para seus experimentos de pinturas e, embasam uma arte implicada em expor leituras de mundo, a partir da junção de pequenos textos a composições figurativas, muito próximas da linguagem Naif, uma tipologia de prática artística dotada de liberdade estética e desprendimento as convenções. O labor deste feirense chama atenção essencialmente pela espontaneidade dos traçados visuais e pela disposição destes (expografias) em inusitados espaços públicos da cidade.

As composições se originam de pinceladas rápidas e paletas cromáticas vigorosas e referendam ícones urbanos e rurais que fazem parte do imaginário coletivo de Feira de Santana e dão visibilidade a crônicas visuais provocativas, trazendo para aridez do concreto urbano feirense, um colorido poético-visual que toma feições de um manifesto, ainda que despreziosamente, preenche de cor, cantos desta cidade, há muito povoada não só pelos viventes, mas, pelos enclaves, pelos reclames do consumo e pelos sintagmas e estigmas do ordenamento territorial, citadino.

O ato de colorir se associa ao de lembrar. Arrebatado o olhar, converge uma comunicação expositiva que transcende o verbal, por meios gráficos, figurativos e abstratos. A aparição de peças coletadas e reaproveitadas (como portas de guarda-roupas, antenas parabólicas, barricas, toneis, pneus e antigos letreiros), considerados inservíveis e que, a grosso modo, recobertos por tinta acrílica colorida, são transpostas em suportes estéticos, registram-nos inusitados pontos da cidade, uma peculiar escrita museográfica e urbana.

As coleções de imagens que se moldam a paisagem, também se desdobram solidariamente em atividades de iniciação e vivência artística com jovens da cidade, que se juntam ao processo estético. Havendo assim partilha de gestos visuais, poéticos e insubmissos. Pontua-se de forma generalista, a possibilidade de menção a outras histórias, sagas e arquétipos, advindas de novos repertórios artísticos, angariados em vivências citadinas e de personagens que habitam o longínquo imaginário da memória popular da cidade.

O sentido de resgate, transcende a valorosa ação ambiental de reintroduzir o material outrora sem uso, e resvala na dinamização de reminiscências entorno de personagens como: o vendedor Noratinho da Pamonha; a ceramista Crispina do Santos; a Ialorixá Helena do Bode; de espaços da cidade que se tornaram icônicos para visualidade do “ser cidade” como a Caixa D’água do Tomba, que incorporada a elementos da natureza e de cultura feirense, descrevem distópicos cotidianos, conforme quadro de imagens abaixo (Figura 1).

Em suas palavras o artista define o patrimônio como algo que existe para manter vivo lembranças de pessoas e coisas que são importantes para cultura de nossa cidade. Se coloca como artista independente, que não segue ditames acadêmicos:

Busco levar minha arte para aqueles que ainda estão nas primeiras letras e tento fisgar novos olhares. Me sinto um operário da arte, meu ofício tem muito de educar retinas desavisadas a adentrar o mundo da arte de forma inclusiva, arte que vai ao encontro do povo, para rua, no intuito de preencher lacunas que as instituições deixam de preencher. (Anjos, 2023)<sup>3</sup>

<sup>3</sup> ANJOS, L. dos. Entrevista concedida em 23/04/2023.

Aponta como suas principais inquietações os museus só funcionarem em horário comercial; a crescente violência; o pouco apreço e apoio a artistas e fazedores de cultura; o patrimônio edificado do centro da cidade que está sendo demolido para dar lugar a estacionamentos; e o fato de constantemente ter obras vandalizadas e recolhidas por agentes públicos municipais.

Figura 1. Quadro com imagens da Expografia urbana de Luciano dos Anjos em Feira de Santana.



Fonte: Luciano dos Anjos, 2017.

## ARTE, TERRITÓRIOS E SUJEITOS: OS EXPERIMENTOS DE MARISTELA RIBEIRO

297

A artista plástica feirense, pesquisadora e docente Maristela Ribeiro busca abordar em suas práticas artísticas questões que permeiam o urbano social e chama atenções ao propor diálogos poéticos, a partir de linguagens visuais fotográficas e de práticas híbridas que correlacionam o outro e seu espaço de convivência. Doutora e Mestre em Artes Visuais, desde meados dos anos 90 que participa com frequência de exposições individuais, coletivas, salões e bienais na Bahia, em outros estados brasileiros, assim como em outros países, tendo recebido diversos prêmios e menções.

É muito comum em sua poética visual focalizar intervenções metafóricas que traçam paralelos entre arte, sujeitos e territórios, pautando por vez, impermanências e contradições dos acontecimentos locais. Esboçam-se feições da urbe que é pouco evidenciada, especialmente invisibilizadas pelos aparelhos de Estado e engrenagens do capitalismo, como poderá ser visto nos processos conduzidos no Povoado de Morrinhos e no bairro do Aviário, em Feira de Santana, resumidos adiante.

### PROJETO CASAS DOS SERTÃO

O povoado de Morrinhos é uma comunidade com maioria da população negra, que a época de seu contato (2014) tinha uma média de 400 habitantes, localizado no distrito de Jaguará, zona rural

de Feira de Santana. Conforma-se como reflexo do declínio do modelo tradicional de pecuária explorado em seu entorno, e até então, era formado por 90 habitações, uma praça e uma unidade escolar municipal. Não contava com efetivas políticas públicas garantidas na constituição como saneamento básico, saúde, segurança, habitação, emprego e lazer.

É de passagem por este espaço que a artista foi tocada a realizar a intervenção, posteriormente denominada de Casas do Sertão. Teve por propósito problematizar as guardadas distâncias entre realidades sociais e a produção artística, colocando o esquecimento em evidência, pôde poeticamente, denunciar precárias condições de moradia e uso do espaço local.

Em sua metodologia o envolvimento da comunidade foi primordial e ocorreu por meio de diferentes etapas de construção, iniciadas com a realização de oficinas de expressão artística nas linguagens do mosaico, pintura e fotografia, seguida pelo levantamento de informações pessoais e narrativas culturais que formaram um banco de imagens, embasando inventários pessoais e de mobilização coletiva. Chegando por fim a realização de dinâmicas coletivas de deslocamentos perceptivos sobre o meio, na seguinte sequência: a) levantamento de concepções prévias sobre a temática; b) a memória como eixo articulador para montagem de mapas conceituais aplicativos; c) provocação por meio de imagens, fatos e relatos de intervenção na realidade.

As práticas se consolidaram na conexão entre a valorização das histórias pessoais, coletivas e do entorno, para materializar a intervenção na fachada de 10 casas em adobe da comunidade, uma ação de baixo custo com uso de estêncil, adesivo e pintura, (conforme visualizado no quadro de imagens (Figura 2). Propôs-se um afetamento material e simbólico, por meio da arte que opera manipulação de imagens coletivas e que nas palavras de Muñoz (2014 p. 3) expõe, delicadamente feridas abertas como a condição de precariedade de acesso, socialização, renda e moradia. Reunindo por elementos de composição o céu aberto como espaço expositivo, o sertão como lugar, a casa como problema e um ponto de vista como estrutura (idem).

Figura 2. Quadro com imagens da Intervenção Casas do Sertão.



Fonte: Fotografias de Maristela Ribeiro, 2013.

O desaparecer das casas alude uma metáfora sobre o esquecimento do local e invisibilidades, tencionando discussões sobre identidade, memória e pertencimento. Conformando um panorama ampliado do lugar, a partir das provocações, questionamentos não só a respeito de significativas lacunas na produção e distribuição de benefícios sociais, mas também por perspectivas de associação de leituras estéticas ao “território vivido” de que tão bem falou Milton Santos (2005).

Do deslocamento do olhar para a reinvenção de subjetividades e engajamentos políticos, indícios de uma arte em devir que Galeffi (2017) trata como um “multiverso polilógico” de pertencas espirituais, materiais, simbólicas e poéticas de potência e de resistência. A abordagem possibilitou em diferentes aspectos perpassar o campo de discussões patrimoniais, problematizando zonas de indeterminação e relações comunicativas, dotando-o de novos contornos e sentidos, a partir de ações moventes e desterritorializantes. O cotidiano modela e rearranja padrões estabelecidos, e assim, abrem-se horizontes e perspectivas a partir da virtualização do imprevisível, do sinestésico e dos processos de desejo que vertem de mudanças o cenário das metrópoles contemporâneas.

## PROJETO AVIAÇÃO: FOTOGRAFIA E IDENTIDADE DO OUTRO LADO DA MARGEM

299

O projeto se propôs a realizar pautas discursivas sobre arte, valores culturais, identidade e patrimônio em Feira de Santana BA. Trataram-se de experiências articuladas entre 40 alunos da extinta Escola Estadual Juíza Lourdes Trindade no bairro Aviário; docentes e discentes do IFBA; servidores e discentes do CUCA UEFS; produtores e artistas locais.

A interconexão de trajetórias objetivou a composição de atividades com valor estético e social, tendo o ambiente escolar como ponto de partida para questionamentos e reflexões a respeito das fronteiras do nosso sistema social: “Arte a serviço de quem? O que se propõe e representa contemporaneamente?” Apesar da complexidade implicada, a condução dos trabalhos se deu de maneira lúdica e propositiva, não se tratando apenas de abordagens a conteúdos históricos e artísticos, mas, do esboçar de vivências entre memória e atualidade por meio de expedientes protagonistas e descolonizantes de alternância de papéis e poder comunicativo.

A metodologia envolveu a capacitação artística dos discentes, rodas de conversa sobre identidade e patrimônio, oficinas de fotografia e disponibilização de máquinas fotográficas analógicas descartáveis para que os mesmos registrassem, a partir de olhares autorias, seu patrimônio comunitário e afetivo. Entre os resultados da experiência está a constituição de um acervo iconográfico do lugar que testifica e comunica poeticamente, a existência de outros predicativos para

aquela comunidade, que não só a alcunha perpetuada na mídia, de extrema vulnerabilidade e violência.

Após processo curatorial, as fotografias pautaram exposição homônima no Museu Regional de Arte, onde alunos da escola pública, comunicaram o inventário participativo do patrimônio cultural do bairro Aviário, na mais antiga e tradicional instituição museológica da cidade, num virtuoso trabalho etnográfico visual, sobre o cotidiano feirense, legando importantes aprendizados sobre conexões, nada aleatórias da malha da vida, conforme quadro abaixo (Figura 3).

Figura 3. Quadro com imagens do Projeto Aviação.



Fonte: Fotografias de Maristela Ribeiro.

300

A partilha de Maristela Ribeiro sobre as condições do “ato de ver” transformou em processo artístico a materialização e socialização de pensamentos, sentimentos e visões de mundo, que ali inventariadas, pontuaram uma ação poética de afirmação, ante o território vivido e em seus atravessamentos: cotidianos, inusitados, individuais e sobretudo, coletivos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao, rapidamente transitar pelo patrimônio, a partir de um viés popular e periférico, visualiza-se como informações, percepções e aprendizados, podem circular, especialmente enfocando suas potencialidades comunicativas, advindas das chamadas “novas cenografias e ou escritas patrimoniais no âmbito sociocultural feirense”.

Denota-se que nesta junção propositiva entre patrimônio-acontecimento, há uma sensível esfera de produção e difusão de conhecimentos, que aproximada as ideias contemporâneas de circuito e ativismos culturais, pode fomentar o entrecruzar de narrativas domésticas que se tornam coletivas, por meio da partilha cotidiana de memórias, reivindicando assim, nas dimensões poéticas, políticas e pedagógicas, conforme nos dita Chagas (2019), ao reafirmar os diferentes sujeitos sociais e seu direito à memória.

A força motriz deste pensamento decorre da percepção que tais manifestações refletem e descortinam potentes dispositivos de fruição estética, que se dão, em meio de atividades mobilizadoras e temas ligados aos modos de vida e suas ocorrências, elencados por seus pares, enquanto fatos memoráveis e vinculantes entre presente, passado e futuro.

Pressupõe-se que neste breve painel reflexivo, um ínfimo levantamento de pistas, tenha sido angariado, tendo em vista a existência de outros tantos, que em flagrante efervescência, dão indícios da vasta produção simbólica dos e nos ecossistemas comunitários. Apesar das omissões e dispositivos de controle e estandarização, insurgem performances do “ser no mundo, apropriado” (Galeffi, 2017, p. 49) sejam elas aparições do corpo, da imagem, do indivíduo e ou do coletivo, no espaço local. Manifestos estes, respaldados na cultura, enquanto processo criativo e adaptativos de valores sociais; e na memória, enquanto vinculação ancestral e contemporânea.

Inferir sobre tais dinâmicas, cotejando se as mesmas, apesar de características como fluidez e autonomia, podem ser elencadas no rol dos sentidos e expressões do patrimônio (CARDOSO; PEDREIRA, 2008 p. 310) é refletir, por conseguinte, sobre os chamados Territórios de Resistência, reconhecendo o patrimônio cultural na cidade de Feira de Santana, em sua complexidade e tendo por recorte temático, o ativismo patrimônio-cultural e seus efeitos.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, C.S.; PEDREIRA, R.C.O. Observações e Diálogos sobre Algumas Gestões no Cotidiano: Um enfoque museológico no semiárido baiano. *Revista Bahia Análise & Dados SEI* (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia) Salvador, v. 18 n.2 (p. 305-316), jul./set. 2008.

CHAGAS, M. de S. Memória social em Fragmentos: O poder das encruzilhadas e a Museologia Social em ação. *Cadernos SESC de Cidadania*. Ano 10, n 13, São Paulo 2019.

GALEFFI, D. A arte como território de resistência: uma perspectiva polilógica. *Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales* v. VIII, p. 22-25, 2017. Recuperado em <https://iberoamericasocial.com/arte-territorio-resistencia-una-perspectiva-polilologica>.

GALEFFI, Dante; MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves. *Criação e devir em formação mais-vida na educação*. Salvador: EDUFBA, 2014.

MUÑOZ, Alejandra. O céu aberto, o sertão, a Casa e um ponto de vista. *In: Casas do Sertão: Maristela Ribeiro*. BNB/BNDES. Salvador, 2014.

SANTOS, Milton. O retorno do território. *OSAL: Observatorio Social de América Latina*, ano 6 n. 16. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>

SEI/BA. *Info territórios: território de identidade Portal do sertão*. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. 2016. Disponível

em: [https://www.sei.ba.gov.br/images/informacoes\\_por/territorio/indicadores/pdf/reconcavo.pdf](https://www.sei.ba.gov.br/images/informacoes_por/territorio/indicadores/pdf/reconcavo.pdf).

Acesso em: 15 jul. 2024.

VIANA, Joaquim. *Fronteiras e singularidades de resistência*. Salvador: UrBA 14 UFBA, 2014.